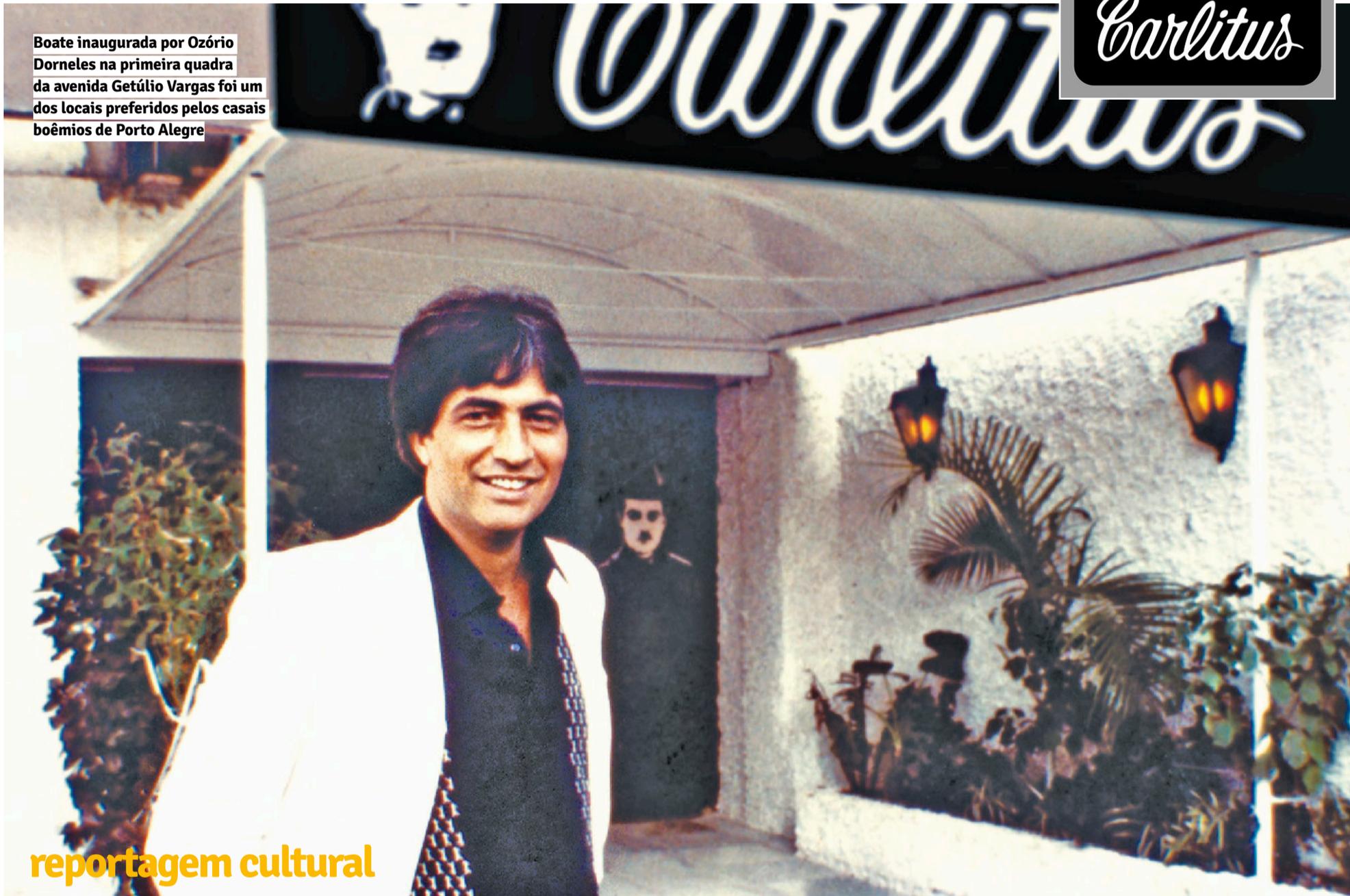


Boate inaugurada por Ozório Dorneles na primeira quadra da avenida Getúlio Vargas foi um dos locais preferidos pelos casais boêmios de Porto Alegre



ACERVO PESSOAL CLEUSA DORNELES/REPRODUÇÃO/JC

reportagem cultural

Para casais de bom gosto

Marcello Campos

“Porto Alegre está meio que dividida em matéria de casas noturnas. Há um grupo importante no Moinhos de Vento e Auxiliadora, outro no espaço intermediário entre Cidade Baixa, Bom Fim e Santana, mas a maior densidade de boates, barzinhos e restaurantes fica mesmo na Getúlio Vargas. Sugiro um passeio por essa avenida, que oferece opções a todos os gostos. Começa-se pelo Carlitus, ideal para se beber um uísque tranquilo com a mulher amada, jantar, bater papo



e dançar.” O relato do jornalista Danilo Ucha (1944-2016) era certo, há quase 40 anos: poucas áreas da cidade concentraram boemia tão intensa quando a via que corta de ponta a ponta o Menino Deus.

Esse mesmo cenário estaria hoje completamente deserto após o cair da noite, não fosse a heroica resistência de dois ou três bares e uma loja de conveniência em posto de combustíveis. O processo de esvaziamento - pelos mais sortidos motivos - nos últimos anos contrasta com um passado de luminosos piscantes em ambas

as calçadas ao longo das décadas. Scalaris, Chipp’s, Viva Maria, Estrela Cadente, Rekind, Velha Guarda, Cigano’s, Venezianos, Cenário, Fascinação, Sherlock’s, Bar 1, Patamar, Noblesse, Barbaridade, Companhia dos Sanduíches, Blue Eyes, San Ciro, Âncora, Pimplus, La Boheme, Choupana, Pippo’s, La Boheme, W-588, General De Gaulle, Bordô, Taco Pub.

E o já mencionado Carlitus. Localizado a 100 metros da avenida Erico Verissimo, o estabelecimento se manteve em evidência de 1978 a 2011, orgulha-se o empresário aposentado Ozório Dorneles, 81 anos, principal personagem do lugar. Natural de Itaqui e criado em São Borja (Fronteira-Oeste), ele desembarcara na capital gaúcha em 1963 para deflagrar, da estaca zero, uma exitosa trajetória nos negócios. Foi feirante, chofer, dono

de pequena frota de táxis e pecuarista, até investir no ramo noturno em sociedade com o irmão do meio, Orestes, um ex-funcionário de supermercado e cujas experiências como garçom o haviam levado até o litoral paulista.

O primeiro capítulo da nova empreitada, em 1968, foi viabilizado pela soma de economias a um empréstimo bancário para a compra do bar Vizcaya, situado nos altos da avenida Protásio Alves (nº 3.185) e que, na sua primeira fase, tivera como dono o estudante de Direito e empresário José Carlos Athanásio junto com sua noiva e futura esposa, a ex-miss Universo (1963) Ieda Maria Vargas. O retorno financeiro inspiraria os irmãos Dorneles a enfileirar, no final da década seguinte, uma sequência de espaços boêmios em zona do bairro Santana mais próxima à

Cidade Baixa, cataloga o hoje aposentado Orestes, 79 anos.

“Aquela região era uma das ‘barlândias’ da cidade na época, assim como as avenidas Protásio Alves e a Cristóvão Colombo, então investimos na abertura da casa Samantha (1978) no número 367 da rua Santana. Em seguida, foi a vez do bar Barcelona (depois Newport) na Jerônimo de Ornelas, 222. No mesmo trecho, também acabamos instalando, lado a lado, a boate Summeriu’s e depois o bar Arcabuz (cuja lista de donos anteriores chegou a incluir, durante breve período de 1984, o então jogador gremista Renato Portaluppi). Algumas duraram bastante tempo, sempre com público fiel e administradas com a ajuda do Jorge Dorneles, nosso irmão caçula.”

Leia mais na página central



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Tentando voltar

No momento em que escrevo esta coluna, a cidade de Porto Alegre continua invadida pelas águas do rio Guaíba e, sobretudo, pelos esgotos. Inclusive o Centro Histórico. Contudo, autoridades da área da cultura, instituições culturais variadas e produtores tentam se articular no sentido de propiciar algum apoio para os artistas que, uma vez mais, são os grandes prejudicados. São vários os problemas a serem enfrentados - o primeiro deles, a disponibilidade dos espaços.

No caso da Secretaria de Estado da Cultura (Sedac), com alguns de seus espaços fortemente prejudicados, como o Margs e especialmente a Casa de Cultura Mário Quintana (a cinemateca, sobretudo), há que esperar que as águas baixem, ocorra limpeza significativa e desinfecção para que se retomem as atividades, inclusive dos teatros do segundo e sexto pisos.

A Ospa, embora sua sede propriamente dita não tenha sido atingida, ficou isolada pelas águas, pois se encontra localizada no Centro Administrativo do estado. Alguns de seus músicos perderam seus instrumentos, que se encontravam em suas residências, para seus ensaios.

No caso do Theatro São Pedro (que, por estar numa região alta, e tendo tido seu telhado inteiramente reconstituído, entre janeiro e março do corrente ano, conseguiu escapar de problemas mais graves), ocorreu a invasão das águas no terceiro subsolo da Multipalco, na medida em que a energia elétrica foi desligada e as bombas de água, em consequência, pararam de funcionar, situação, felizmente, já contornada. No Multipalco, ainda, a chamada sala da dança sofreu algumas infiltrações, o que será rapidamente reconstituído.

Os mais prejudicados, sem dúvida, são os espaços municipais, seja no Centro Municipal de Cultura, com as salas Álvaro de Carvalho e Teatro Renascença, seja o recém reconstruído Teatro de Câmara, na rua da República, inteiramente invadido pelas águas. Não imagino quando tais espaços poderão ser reocupados, até porque eles já vinham bastante deteriorados e, pelo menos até o momento, a Secretaria Municipal de Cultura não se manifestou absolutamente sobre a situação.

O Instituto Ling, situado em parte nobre da cidade, felizmente não foi afetado,

mas não dará conta de todas as necessidades de nossos artistas para os próximos meses. Do mesmo modo o teatro da Amrigs, perto da Pucrs, ou o teatro do CIEE, na Terceira Perimetral.

Um segundo problema é a disponibilidade dos grupos para poderem atuar. Muitos destes artistas, aliás, perderam inclusive seus instrumentos e/ou equipamentos. Outros grupos escaparam por pouco, mas como apresentar-se com todo o desgaste emocional? E que público estará disposto a pagar para assistir a tais espetáculos?

Uma das soluções em estudo pela Sedac é organizar apresentações que possam contar com patrocínios que já estavam acertados ou que receberão financiamento já aprovado. Também a Prefeitura está avançando neste sentido e, no último domingo, lemos que Luciano Alabarse, que reassumiu a coordenação do festival Porto Alegre em Cena, optou por realizar um festival inteiramente voltado para os grupos locais, o que viabiliza o orçamento da iniciativa e, ao mesmo tempo, garante apoio, através de cachês, a esses grupos.

A Fundação Theatro São Pedro está indo por este caminho. A partir da primeira semana de junho, o Musical Évora, que deveria ter estreado em maio, começa a ser realizado todas as quartas-feiras, propiciando, ainda, um espetáculo especial, em data a ser confirmada, com programação diferenciada, compensando os shows não realizados. Do mesmo modo a Orquestra do Theatro São Pedro, que tem programação financiada pela Lei Rouanet. O teatro, que cancelou toda a sua agenda de maio e junho, está reorganizando sua programação com o foco de apoiar artistas através de cachês, e deve organizar atividades especiais inclusive alusivas à passagem dos 40 anos de reabertura da instituição, depois de sua reconstrução coordenada por Eva Sopher, que coincide com a passagem de mais um aniversário da casa. Assim, na segunda quinzena de junho, uma programação intensa está sendo organizada, numa tentativa de retomada das atividades culturais.

Em meio ao caos, a área cultural fará enormes esforços para se rearticular e trazer ao público atividades variadas, que ajudem a ultrapassar esta destruição que sofremos, através da emoção que a arte nos proporciona.



Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

Civilização destruída

Aos 79 anos de idade, o cineasta australiano George Miller não desiste de sua série iniciada em 1979 com *Mad Max* e na qual mostrava um mundo em ruínas, no qual grupos lutavam por sobrevivência e poder utilizando os restos de uma tecnologia que havia atingido o apogeu antes da grande catástrofe. *Furiosa* é mais um capítulo de uma sequência de filmes que tratam deste tema, utilizando - e por vezes exagerando - recursos utilizados em filmes de menor importância e interessados em divertimentos desprovidos de maior significado. Colocado entre os veteranos que não desistem do cinema, para proveito e alegria dos que seguem acompanhando a evolução desta arte, a primeira nascida desde que o ser humano em imagens, letras e sons procurou recriar a realidade e assim expondo verdades ocultas num primeiro e superficial contato.

Décadas atrás, quando o que mais levado a sério era um cinema que procurava se aproximar da tradição criada em séculos, alguns críticos, sobretudo os franceses dos Cahiers du Cinéma, modificaram a visão da crítica, ressaltando obras de cineastas como John Ford, Vincente Minnelli, Alfred Hitchcock, Howard Hawks e Joseph L. Mankiewicz, além de outros. Hoje, todos são clássicos. Um filme como *Cantando na chuva*, realizado por Stanley Donen e Gene Kelly, por exemplo, foi incluído na lista dos dez maiores de todos os tempos pela revista londrina Sight and Sound, numa consulta feita com cineastas, historiadores e críticos de vários países. Mas na época a obra foi vista apenas como um divertimento feito de forma perfeita. Poucos perceberam, entre outras coisas, que o número que servia de título ao trabalho era uma alegoria sobre a irreverência diante do poder, em plena época do macarthismo.

Furiosa, mesmo com as concessões feitas a um certo tipo de cinema mediocre e espalhafatoso feito hoje em dia - o que justifica a observação feita por Woody Allen em *Dirigindo no escuro* - é filme interessante por vários motivos. A primeira missão de um cineasta é expressar visualmente o cerne do tema tratado. As imagens do filme, com

a exceção dos planos iniciais, mesmo assim conturbados por criaturas deformadas, mostram ao espectador um universo dominado pela violência e por uma agressividade que parece nascer em cada indivíduo, antes de se espalhar pela sociedade inteira. Estamos, sem dúvida, diante de uma sátira dramática ao mundo em que vivemos.

No cinema, onde a imagem deve ser o elemento dominante, por vezes a palavra se integra ao todo, a fim de conceder maior clareza e potência à alegoria. É o caso das referências à guerra, essa expressão máxima da agressividade humana, quando são feitas alusões ao tempo presente e também a um ameaçador colapso derradeiro. São manifestações de personagens que parecem, cada uma a seu modo, expressar as intenções do cineasta. E ironias não faltam, inclusive com certos nomes de alguns personagens.

O mais curioso no filme de Miller, no entanto, é a utilização dos restos deixados pela civilização. Em primeiro lugar duas referências a outro ciclo, o wagneriano dedicado ao anel que possibilita o máximo poder, e também a Darwin, que não poderia faltar num relato que descreve tentativas de alcançar melhores condições para a sobrevivência. Pinturas renascentistas fazem parte das imagens e, por vezes, parece que estamos vendo um filme bíblico. E os carros - em especial a velocidade por eles atingida - não deixam dúvida sobre qual tempo o filme está falando, até porque, em certas passagens, as imagens parecem exaltar as habilidades de dirigir um veículo.

Se Miller, em vez de longas e repetitivas cenas de ação, se dedicasse a mostrar a harmonia e a felicidade de uma criança destruídas, o filme seria outro, mais valioso. Porém, ficam o boneco, que de certa forma sintetiza o tema e a semente que pode significar um recomeço. E atenção para o terno e a gravata usados por um dos personagens: clara alusão e uma evidente forma de colocar na tela a ideia principal, a de que o filme está falando do presente, onde os restos de uma tecnologia servem de suporte para a barbárie e uma árvore cresce nutrida pela ira.

fique ligado

O brilho da arte iluminando a retomada

Um grupo de artistas, produtores e voluntários se uniu para realizar um *live festival* solidário que visa arrecadar fundos para apoiar as comunidades afetadas pela tragédia climática no Estado. O Sol Lá Pro Sul é um evento online que acontece no próximo domingo, às 14h, com transmissão ao vivo do Teatro 40 da Pucrs para todo o Brasil.

O festival é uma iniciativa conjunta de diversos atores do ecossistema musical brasileiro, incluindo a Associação dos Músicos do Rio Grande do Sul (Assmurs) e a Associação Brasileira dos Festivais Independentes (Abrafin), que se engajaram na organização e divulgação do evento.

A ação tem como objetivo angariar recursos para ajudar

a população em geral e, especialmente, a classe artística que perdeu estúdios, equipamentos e locais de trabalho devido às enchentes. A programação será variada, incluindo intervalos para mensagens dos apresentadores e incentivo às doações. Os espectadores poderão contribuir através de um QR code na tela ou pelo link disponível na descrição da transmissão.

Durante o festival, serão realizadas apresentações de renomados artistas incluindo Loma Pereira, Renato Borghetti, Bibiana Petek e Banda, Rodrigo Lessa, Edu Neves, Thais Mota e Quarteto Malus. As performances serão intercaladas por mensagens de incentivo e relatos sobre a resiliência e a solidariedade da comunidade local.



Contando com artistas como Renato Borghetti, festival online O Sol Lá Pro Sul acontece neste domingo

A música volta a soar no Espaço 373

O Espaço 373 (rua Comendador Coruja, 373) retoma sua agenda neste sábado com uma programação especial, com músicos locais que também foram impactados pelas chuvas: o Clube da Esquina Tributo RS. Parte do valor do ingresso (a partir de R\$ 45,00 no Sympla) será doado ao Coletivo RS Música Urgente, criado para auxiliar profissionais da área atingidos pelas enchentes (leia mais na página 8).

O grupo fará um apanhado de diversas fases da carreira de Milton Nascimento, Beto Guedes e Lô Borges, como o álbum *Clube da Esquina*, lançado em 1972. Formado por Alemão Jef



Clube da Esquina Tributo RS é atração na retomada do espaço, no sábado

(voz e violão 12 cordas), Zeca Garcia (guitarra), Daniel Vlacic (contrabaixo), Luciano Bolobang (bateria) e Sergio Gomes (tecla-

do, piano, bandolim, harmônica e voz), o tributo terá participação do saxofonista do Garotos da Rua, King Jim.

O tempo conduz as melodias de Bryan Behr

O novo álbum de Bryan Behr, *Deja Vu*, chega às plataformas digitais para marcar uma nova fase da carreira do artista, agora mais maduro e com diversas outras inspirações. O trabalho fala sobre vivências como amor, paixão, vida, despedidas, nostalgia e arrependimentos, sempre tendo a ótica do tempo como fio condutor. A sonoridade traz referências de diversos gê-

neros, como pop, folk, rock e MPB. Além das composições, Behr também assina a direção musical.

Bryan Behr é catariense, e teve sua primeira indicação ao Grammy Latino em 2023 na categoria Melhor Álbum Pop Contemporâneo em Língua Portuguesa. O artista tem mais de 700 mil ouvintes mensais no Spotify e mais de 80 milhões de visualizações no YouTube.

Música livre e que faz voar

O Selo Sesc lançou nesta semana nas plataformas de *streaming* a faixa *Dolores prestes a levantar*, o terceiro single do álbum de estreia do Trago, projeto musical de Tulipa Ruiz, Rica Amabis, Alexandre Orion e Gustavo Ruiz.

A música fala de uma pessoa etérea, que, de tão liberta, voa. Considerada avoadora por muitos, Dolores, a personagem da música, é uma mulher livre e sem amarras. O título da canção veio de um desenho de Tulipa, e a letra é inspirada na manchete de jornal do padre que voou com balões há 16 anos, no estado

Uma busca que nunca se encerra

Dirigido e roteirizado por Laís Dantas, o documentário da Quiprocó Filmes, *Desova*, estreia nesta sexta-feira no Canal Futura. A exibição ocorre às 23h e estará disponível também no Globoplay. O filme investiga o desaparecimento forçado na região da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro e mostra também as consequências e traumas nas vidas de mães que perderam seus filhos.

A produção cinematográfica apresenta dados alarmantes sobre o desaparecimento forçado, com depoimentos de mães que se organizam em coletivos e em grupos de arteterapia para lidar com a dor da ausência, além de depoimentos de pesquisadores e estudiosos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) que desenvolvem pesquisas focadas no assunto.



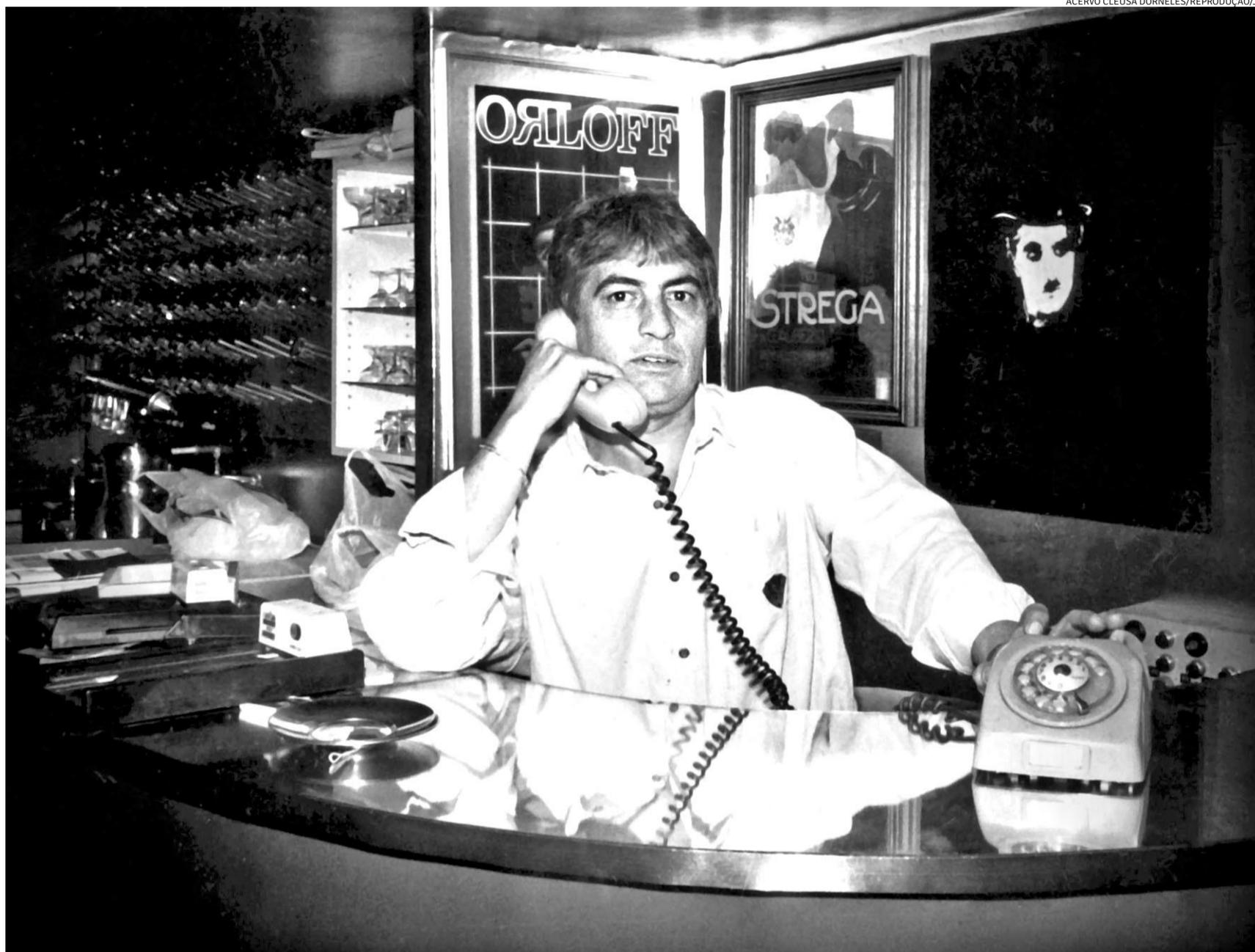
Projeto Trago tem novo single disponível nas plataformas digitais

do Paraná.

Além de *Dolores prestes a levantar*, outros dois singles foram lançados: *Porvir* e *Sou eu que vou trabalhar*, inspirado na mú-

sica *Bonde de São Januário*, de Wilson Batista. O disco *Trago* terá oito faixas inéditas, além de recursos de realidade aumentada na versão física em CD.

reportagem cultural



ACERVO CLEUSA DORNELES/REPRODUÇÃO/JC

Figura central no sucesso do Carlitus, Ozório Dorneles procurou manter o atendimento exclusivo a casais como uma das características permanentes da casa noturna

Luzes da cidade

Marcello Campos*

A antena direcionada para novas oportunidades também acabara apontando para um ponto do mapa a um quilômetro e meio de distância, em meio a um dos pórticos imaginários de ingresso no Menino Deus. Fã de Charles Chaplin, o empresário

Paulo Ribeiro não era do ramo, mas, em maio de 1978 - cinco meses após a morte do gênio - fundara no número 94 da Getúlio a boate Carlitus, de logomarca e decoração interna em preto-e-branco com pôsteres alusivos ao cinema mudo. Quase um ano transcorreria sem que o endereço embalasse e ele estava decidido

a partir para uma aventura no garimpo de Serra Pelada, assim como seu ídolo em *A Corrida do Ouro* (1925).

O ponto à venda foi a deixa para os manos rebobinarem aquele filme em 14 de maio de 1979, paralelamente às atividades que o tornaram conhecidos no bairro Santana. Com maior capricho nos serviços de restaurante, reforço na divulgação e outros ajustes (a cor vermelha em tapetes, estofados e outros itens, por exemplo), manteve-se a estética do espaço comercial de 192 metros quadrados e mezanino no primeiro dos três andares de um prédio misto construído apenas cinco anos antes e que hospedara, em seus primórdios, o bar-chopp Hobby Show. O atendimento exclusivo a casais surtiu efeito, com uma frequência constante e destaque permanente nos jornais e guias noturnos.

“Com exceção de ocasiões como eventos particulares, a casa manteve a exigência até o fim, mas não foi a única... Ali mesmo

na esquina com a Ipiranga tinha a Velha Guarda, comandada pela Tânia Silva, sem contar outras tantas em Porto Alegre”, contextualiza Ozório, que, na metade da década seguinte, desfez a sociedade com Orestes para tocar sozinho o Carlitus. Anúncios de “ambiente requintado”, “bom gosto” e “alto nível” não impediam eventuais episódios fora da curva. Ele se diverte com a malandragem de um cliente que dançava na pista com sua amante ao ser alertado sobre a presença da esposa do lado de fora, pronta para dar o bote.

“O sujeito foi rapidamente conduzido por um segurança até a saída de emergência nos fundos e pegou um táxi para casa a tempo de chegar antes da ‘titular’. Sem conseguir o flagrante após ser finalmente autorizada a cruzar a portaria, ela pegou o rumo de casa, onde já o encontrou sob as cobertas, ‘cansado do trabalho’. Intimado sobre o fato de seu automóvel estar em frente à boate, o malandro alegou ter

emprestado a um amigo. Enquanto isso, um garçom incumbido de estacionar o carro em uma garagem próxima para aliviar a situação, acabou encontrando no porta-luvas uma pasta com 30 mil cruzeiros, devidamente devolvidos em momento oportuno”.

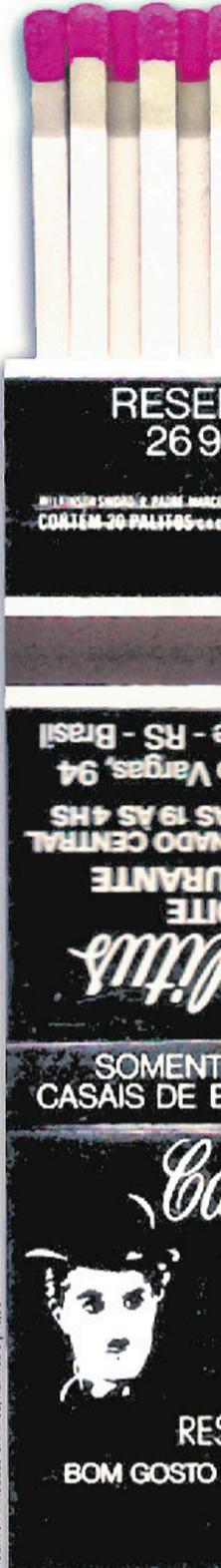
Histórias à parte, a receita de sucesso era relativamente simples, porém temperada por trabalho duro, com poucas horas de sono. Funcionando de terça a domingo na faixa das 19h às 4h - jornada semanal impensável nos padrões atuais da noite porto-alegrense - o estabelecimento apregoava seus atrativos. Música mecânica variada para um ambiente “divertido e romântico”. Estacionamento conveniado e com vigia. Ar-condicionado central. Lareira no inverno. Bebidas a preço justo. Cardápio de pretensões internacionais (incluindo peixes, frutos-do-mar e o concorrido Filé à Carlitus), a cargo de Dona Amé-



ACERVO CLEUSA DORNELES/REPRODUÇÃO/JC

Ambiente interno (em foto de 1989) era voltado ao conforto dos casais

ACERVO MARCELLO CAMPOS/REPRODUÇÃO/JC



Tempos modernos

O cuidado permanente com a qualidade e o espírito de camaradagem ajudavam o número 94 da avenida Getúlio Vargas a resistir a planos econômicos, intensa concorrência, mudanças de comportamento e outras variáveis, cruzando a década de noventa com sapatos lustrados e maquiagem em dia, com mudanças sutis na decoração. Pista de luzes automatizadas em contraste ao aconchegante mezanino à luz de velas. Substituição dos pôsteres por painéis de vidro jateado com imagens de antigos filmes de Chaplin. “Na penumbra, o ambiente ideal para quem não gosta de se mostrar”, brincou o Guia L&PM de Porto Alegre em sua edição de 1997.

“Ainda existia na cidade uma programação bem interessante para se divertir acompanhado, afinal, nem todo mundo estava à procura de alguém”, relembra a auditora contábil Cristiana Azevedo, 53 anos, frequentadora assídua com o marido Vinícius Teixeira desde a fase do namoro firme, no início da fase adulta. “Muitos casais ‘sumiam’ ao colocar uma aliança no dedo, mas somos do time que não deixou de sair à noite depois do casamento. E o Carlitus era bacana por ser mais tranquilo, sem barulheira, espaço superlotado e aquele clima de ‘caçada’ que estressava as mulheres solteiras que só queriam dançar ou bater papo”.

rica, cozinheira desde o período do Vizcaya.

A trajetória que fez do ambiente um dos preferidos de boa parte dos enamorados na faixa dos 30 aos 50 anos foi acompanhada à distância pela aposentada Cleusa Dorneles, 74 anos. Esposa de Ozório entre 1973 e 2015 (são frutos da relação os filhos Rodrigo e Cíntia, ambos advogados e nascidos em tempos pré-Carlitus), a então pedagoga e diretora de escola foi poucas vezes ao local, mas compartilha um fato curioso: “O lucro do próprio negócio e da criação de gado em uma propriedade no Interior permitiu a compra da loja, depois os demais andares, que deixaram de ser residenciais para dar lugar a escritórios. Com isso, a boate se livrou das reclamações de barulho dos inquilinos”.

Encarnação como Carlitus Music Bar era voltada à música ao vivo

ACERVO CLEUSA DORNELES/REPRODUÇÃO/JC

Ozório Dorneles O HOMEM DA NOITE

Porto Alegre agora tem o seu "Homem da Noite". Este foi o destaque do Jornal da Noite e da Câmara de Vereadores de Porto Alegre a Ozório Dorneles proprietário do Carlitus numa noite festiva.

A foto registra o momento em que o jornalista Wilson Müller homenageava Ozório entregando-lhe uma Placa com o registro do grande acontecimento.

e lembre-se:

Carlitus Boate e Restaurante
SOMENTE PARA CASAS DE BOM GOSTO
Cozinha Internacional, ar condicionado, estacionamento privativo
Av. Getúlio Vargas, 94 - Fone: 226.9727
Menino Deus - Porto Alegre - RS

A CASA DA NOITE PORTO-ALEGRENSE

Ozório recebendo a honraria de Homem da Noite, em anúncio de 1993

A chegada do novo milênio, porém, trouxe um declínio progressivo no movimento. Para compensar, despesas passaram a ser cobertas pela venda de patrimônio pessoal. “A situação também se complicou quando o estacionamento privativo, em terreno da prefeitura quase na Erico Verissimo, teve o aluguel reajustado para valores impraticáveis, o que fez a casa perder um diferencial importante para os clientes”, acrescenta a ex-esposa Cleusa. Havia também o processo de decadência que marca o ciclo da maioria das casas noturnas - tal como no cinema mudo de Chaplin e seus

contemporâneos, depois da invenção do filme falado.

No primeiro semestre de 2011, Ozório avaliou que, após 32 anos à frente do negócio, sua contribuição para a boemia da cidade já estava mais do que suficiente. O longa-metragem ganharia continuação meses depois, com o arrendamento do local a um grupo de jovens que redirecionou o foco para shows de rock, sob a placa Carlitus Music Bar e novo logotipo: em vez do icônico rosto de bigodinho e cartola, uma releitura mesclando a desengonçada silhueta do personagem vagabundo a soprar uma flauta transversal, como se fosse o escocês Ian Anderson e sua banda Jethro Tull.

Depois o endereço teve o Open Bar e Velvet como inquilinos entre 2015 e 2017, ao som de funk carioca e música eletrônica. Enquanto uma escola de música e outra de dança permaneciam nos conjuntos comerciais logo acima, o antes disputado espaço no térreo ficou vazio até o prédio ser adquirido, em 2022, pelos empresários Luís Fernando e Henrique Giovanaz, de tradicional família do segmento de churrascarias. O segundo se associou à esposa para fazer do térreo o espaço de eventos Wish, plano transferido para os próximos meses devido à enchente que promoveu, em maio, um triste abraço da água do Guaíba ao Menino Deus.

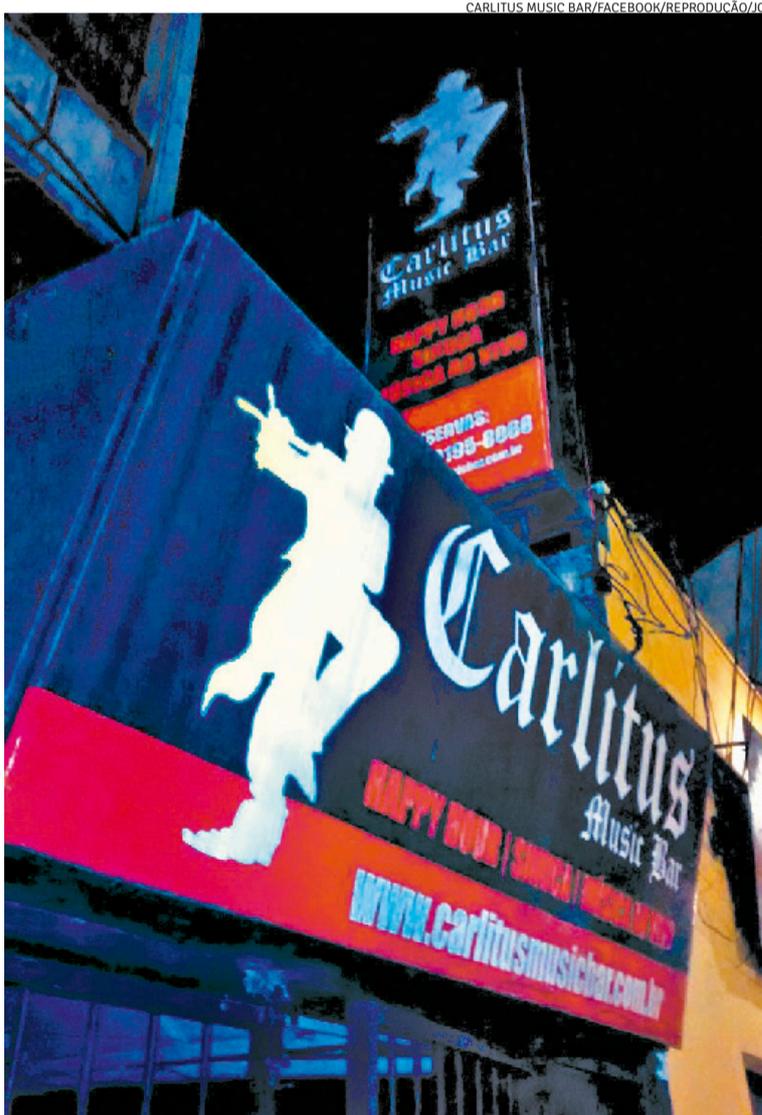
Ozório Dorneles, por sua vez, curte um merecido descanso no mesmo sobrado do bairro Boa Vista (Zona Norte) onde mora desde os tempos de protagonista da noite. Sorridente e modesto ao fazer um balanço de sua contribuição para a vida social da cidade, ele não perde a piada. “Aquela época foi bem bonita, mas de trabalho duro para mim, praticamente sem folga. Para os clientes, um tempo de muita diversão e romantismo, com um detalhe: se ninguém circulava sozinho no Carlitus, a não ser eu mesmo e os funcionários, então nenhum coroa pode contar vantagem de que conheceu namorada, noiva ou esposa lá dentro.”

Getúlio Vargas boêmia ao longo do tempo

- ▶ Scalaris
- ▶ Noblesse
- ▶ Stylo
- ▶ Hobby Show
- ▶ Carlitus
- ▶ Chipp's
- ▶ Viva Maria
- ▶ Estrela Cadente
- ▶ Rekind
- ▶ Cigano's
- ▶ Velha Guarda
- ▶ Venezianos
- ▶ Fascinação
- ▶ Pippo's
- ▶ La Boheme
- ▶ Sherlock's
- ▶ Bar 1
- ▶ Patamar
- ▶ Recanto do Tio Flor
- ▶ Barbaridade
- ▶ Companhia dos Sanduiches
- ▶ Blue Eyes
- ▶ San Ciro
- ▶ Cenário
- ▶ Âncora
- ▶ Pimplus
- ▶ La Boheme
- ▶ Choupana
- ▶ W-588
- ▶ General
- ▶ De Gaulle
- ▶ Bordô
- ▶ Taco Pub
- ▶ Anti Club
- ▶ Point Beer



Marcello Campos é formado em Jornalismo, Publicidade & Propaganda (ambas pela Pucrs) e Artes Plásticas (Ufrgs). Tem seis livros publicados, incluindo as biografias de Lupicínio Rodrigues, do Conjunto Melódico Norberto Baldauf e do garçom-advogado Dinarte Valentini (Bar do Beto). Há mais de uma década, dedica-se ao resgate de fatos, lugares e personagens porto-alegrenses. Contato: portonoitealegre@gmail.com.



CARLITUS MUSIC BAR/FACEBOOK/REPRODUÇÃO/JC



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Como o mundo realmente funciona

Nunca fomos tão informados, nunca o mundo mudou tanto e tão rápido. Ainda assim, tantas vezes não sabemos como o mundo realmente funciona e se, mesmo depois de tanta ciência, haverá luz no fim do túnel ou estaremos condenados.

Como o mundo funciona (Editora Intrínseca, 400 páginas, R\$ 62,90), de Vaclav Smil, renomado cientista, professor emérito da Universidade de Manitoba e membro da Royal Society do Canadá, autor de *Os números não mentem*, publicado pela Intrínseca e de mais de quarenta livros, é um grande guia científico para o passado, o presente e o futuro.

Segundo Bill Gates, o livro oferece as bases necessárias para lidarmos com nossos desafios mais complexos. O livro explica sete das realidades fundamentais para nossa sobrevivência e prosperidade. Trata de combustíveis e eletricidade; de

produção de alimentos; dos quatro pilares da civilização moderna; de vírus e dietas; de motores e microchips; de nossa biosfera e do futuro entre apocalipse e singularidade.

Em síntese, o autor, experiente cientista, faz uma análise fundamental sobre o que a ciência e a tecnologia modernas - que tornam possível a vida no século XXI - são ou não capazes de fazer. Smil, apelando por ceticismo e ao mesmo tempo com humildade e lucidez, nos mostra como a ciência está na base de nosso passado, de nosso presente e de nosso futuro. Concordando ou não com o autor, aceitando ou não seus questionamentos e sua atitude de se ater aos fatos, o certo é que é impossível ignorá-lo, segundo as palavras do lendário jornal *The Washington Post*.

Lidando com os dados científicos mais recentes, Smil, nesse guia interdisciplinar, dotado de



um olhar quantitativo, aponta as falhas existentes nas teorias de quem acha que o mundo acabou ou que existe solução para nós e o mundo. Smil procura revelar as verdades ocultas em assuntos atuais muito relevantes. Não é pouca coisa.

e palavras...

20.05.1875

Dia 20.05.1875 é a data em que os primeiros imigrantes italianos, oriundos do norte da Itália, chegaram ao Campo dos Bugres, hoje Caxias do Sul. Entre os séculos XIX e XX, cerca de 1.5 milhão de italianos vieram residir e trabalhar no Brasil. Estima-se que cerca de 25 milhões de descendentes de italianos vivam no Brasil, especialmente nas regiões Sul e Sudeste. Os imigrantes que vieram para o Rio Grande do Sul eram oriundos sobretudo do Vêneto, da Lombardia e do Tirol. Em torno de 75% eram agricultores.

Depois de precárias viagens de navio de mais de um mês, desembarcavam em Rio ou em Santos. Após chegarem em Porto Alegre iam de barco até São Sebastião do Caí, de onde seguiam, em caravanas, a pé ou em lombo de burro, até as colônias que ficavam nas serras. Muitos morreram no caminho, em especial crianças e idosos. Abriam picadas a facão, dormiram em tendas e comeram especialmente pinhões para sobreviver naqueles duríssimos primeiros tempos. Fé no trabalho, na família e na religião sustentaram aqueles pioneiros que, depois, foram construindo cidades desenvolvidas.

Os imigrantes ofereceram legados importantes em múltiplos níveis no artesanato, arquitetura, economia, política, sociedade, arte, cultura, religião e formas de pensar e de viver. Dezenas de personalidades da política, do comércio, da indústria e dos campos educacionais e culturais marcaram, marcam e marcarão o Rio Grande do Sul e o Brasil em decorrência de muito talento, trabalho e amor pela terra que os acolheu de forma tão generosa. O dialeto talian é patrimônio

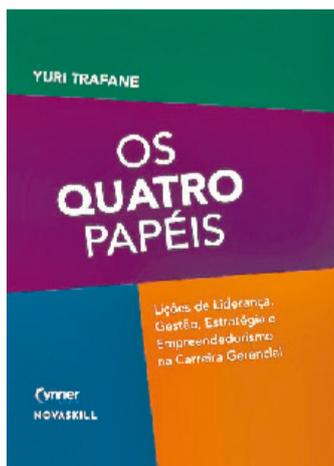
cultural estadual e referência cultural federal.

Em 2025 teremos os festejos de comemoração dos 150 anos da imigração, que já começaram com o lançamento do monumental livro *150 Anos de Imigração Italiana no Rio Grande do Sul*, pela Editora EST, em três volumes, com o total de 1.200 páginas, coordenado pelo consagrado jornalista, editor, poeta, escritor e homem de cultura Ademir Antônio Bacca. A obra tem dezenas de colaboradores importantes, trata de temas essenciais e contempla as famílias e as cidades que fazem parte da imigração italiana em nosso estado. É obra que já nasceu clássica e referencial e mostra as grandes dimensões da imigração.

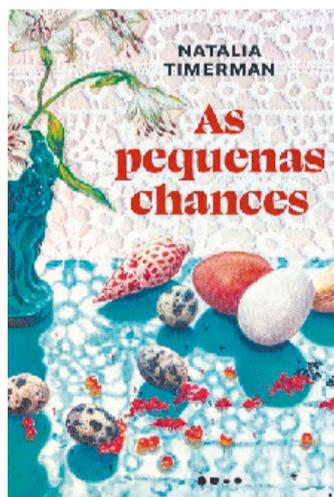
No início deste ano, o Cônsul-Geral da Itália em Porto Alegre, Dr. Valerio Caruso, reuniu-se no Palácio Piratini, com o governador Eduardo Leite, para tratar da comemoração dos 150 anos da imigração e, em abril, o Dr. Alessandro Cortese, Embaixador da Itália no Brasil esteve em visita oficial ao Rio Grande do Sul. O deputado estadual Guilherme Pasin e outros parlamentares participaram. Na visita o Dr. Vitorio Caruso, o mais jovem cônsul-geral da Itália no Estado, recebeu a Medalha da 56ª. Legislatura, na cerimônia instalada por Guilherme Pasin, que ressaltou o imenso trabalho de Caruso num estado onde um terço da população tem sangue italiano.

Sem dúvida, as comemorações aos 150 anos da imigração serão à altura de um fenômeno que, além de ser um marco de italianidade é, também, acima de tudo, uma parte fundamental da formação da identidade gaúcha, rio-grandense e brasileira.

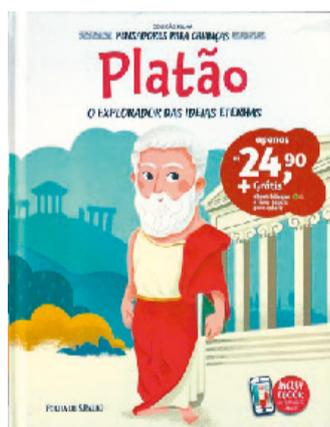
lançamentos



► **Os quatro papéis** (Ynner/Novaskill, 360 páginas, R\$ 79,00), de Yuri Trafane, sócio da Ynner Treinamentos e executivo em empresas como J&J, Unilever, Parmalat, Bauducco e Grupo Abril, professor e palestrante, fala, a partir de sua vasta experiência, de liderança, gestão, estratégia e empreendedorismo, para auxiliar o leitor na carreira gerencial.



► **As pequenas chances** (Todavia, 208 páginas, R\$ 57,00), de Natália Timerman, psiquiatra e escritora, autora do romance *Copo vazio* (Todavia, 2021), encontra no aeroporto o médico de seu pai, que era médico. Da conversa brotam ternas lembranças sobre a doença e a morte do pai, sobre vida, família e sua relação com o pai.



► **Platão - O explorador das idéias eternas; Friedrich Nietzsche - o filósofo da coragem e Bell Hooks - a voz das mulheres negras** são os três primeiros volumes da Coleção Folha Pensadores para Crianças do jornal Folha de São Paulo, trazendo grandes filósofos para crianças. Cada volume custa R\$ 24,90, separado. Há desconto na compra dos 25 volumes de uma vez só.

a propósito...

Num momento em que nosso Rio Grande se vê profundamente abalado com o desastre ambiental das últimas semanas, a pujante história da imigração italiana no Estado serve como inspiração para vencer os gigantescos desafios que todos temos pela frente. Nossos pioneiros mostraram que fé, família, amigos, reli-

gião, trabalho, determinação e resiliência podem muito. Eles literalmente tiraram uva, vinho e muitas riquezas de regiões rochosas e montanhosas. Enfrentaram dificuldades e tempestades que tantas vezes liquidaram a colheita. Não desistiram. Acima de tudo, perenizaram exemplos. **(Jaime Cimenti)**

pensando cultura

Coletivo RS Música Urgente busca ações emergenciais em meio ao estado de calamidade

Adriana Lampert

O segmento musical do Estado se uniu, nos últimos dias, em prol de ações que possam mitigar a devastação que as enchentes causaram na vida de profissionais e de empresas do ramo, cuja atividade possui o maior número de CNPJs na indústria cultural no Rio Grande do Sul. Diante do quadro de prejuízos, com perdas de estúdios inteiros, bares, instrumentos, equipamentos, escolas de música, locais de shows, veículos e moradias dos artistas, um grupo de trabalhadores da área criou um coletivo de enfrentamento de crise em âmbito estadual, nacional e internacional, denominado RS Música Urgente. O objetivo é diagnosticar, planejar e elaborar propostas e

estratégias de ações, atuando com a sociedade civil em diálogo com o poder público nas instâncias municipais, estaduais e federal; e, ainda, com agentes internacionais, embaixadas e consulados com representação no Brasil.

“Muitas cidades estão em situação de emergência e, após esse primeiro momento de salvar vidas, em seguida, quando começarmos a retornar à normalidade, iremos encontrar a população abalada - considerando que muitos perderam suas casas, memórias e outras posses - e sem condições de investir em shows, espetáculos e outras experiências culturais”, pontua o flautista, saxofonista, compositor e produtor musical, Pedrinho Figueiredo. Ele integra o coletivo formado por mais de 1.040

músicos, a partir de uma iniciativa do guitarrista, ativador cultural e produtor musical Carlos Badia. Segundo ele, a ideia é pleitear uma série de políticas públicas emergenciais para a cadeia produtiva da música, enquanto durar o estado de calamidade, “através de medidas urgentes, eficazes e concretas”, visando a reconstrução a curto, médio e longo prazo.

Simultaneamente, como forma de embasar ações e projetos, o movimento realiza um mapeamento abrangente do segmento, buscando reunir e condensar os dados. De acordo com Figueiredo, a partir de um formulário criado emergencialmente para se ter ideia da proporção dos danos causados ao segmento pela tragédia climática que assolou o Estado, os primeiros registros indicavam que, das 1.357 pessoas que preencheram o documento, 91% trabalhavam exclusivamente com Cultura e 81% tiveram prejuízo profissional com as enchentes.

“Sendo assim, busquei a Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, onde fui muito bem recebido pela deputada Sofia Cavedon (PT), que preside a Comissão de Educação e Cultura da Casa. Foi muito interessante, pois surgiram outras iniciativas, como o ingresso do Colégio Setorial de Música e a chamada do Conselho Estadual de Cultura para uma escuta, além de instruções sobre como músicos e empresas do setor poderão

acessar linhas de crédito para poderem se reerguer”, resume Figueiredo. “Além disso, estamos buscando arrecadar e distribuir donativos para os colegas mais necessitados.” Para contribuir com essa campanha de ajuda emergencial, é possível realizar doações em dinheiro (chave Pix: emergenciamusicars@gmail.com) para o coletivo repassar.

Em uma Carta Aberta à sociedade gaúcha, o movimento RS Música Urgente sinaliza que, em decorrência dos estragos feitos pelas enchentes, a maior parte do segmento perdeu oportunidades de trabalho e receitas, devido ao cancelamento de “inúmeros” shows e eventos culturais. “Soma-se a isto as dificuldades de circulação, devido às estradas interrompidas que dificultam o acesso às cidades, a maioria delas sem condições de receber atividades culturais de qualquer tipo. Desta forma, estão suspensas praticamente todas as atividades e eventos culturais do Estado por tempo indeterminado, impossibilitando que milhares de profissionais da cultura exerçam seu trabalho, sem garantia de renda ou perspectivas de retorno”, diz um trecho do texto.

Ainda de acordo com o documento, o Setor Cultural e a Indústria Criativa representam 4,1% do PIB gaúcho e 3,11% do PIB nacional, empregando 7,5 milhões de trabalhadores. “No RS, gera mais de 400 mil empregos diretos. Tais

números superam os da indústria automobilística, calçadista e aproximam-se do segmento da construção civil”, aponta o texto. “Indiretamente, o setor emprega vários profissionais relacionados aos eventos, como por exemplo, na limpeza, alimentação, segurança, transporte e hospedagem, entre outros. A cadeia produtiva da cultura precisa ser vista como uma atividade econômica significativa, que contribui com valores relevantes em impostos para o Estado”, afirmam os artistas na Carta Aberta.

“A paralisação devido a esta catástrofe ambiental não impacta apenas a vida dos profissionais do setor musical, mas irá repercutir no âmbito sociocultural e econômico das cidades como um todo, já que a música é um elemento fundamental na vida cotidiana, presente nos momentos de socialização, educação, saúde mental e física, e no entretenimento”, observa Figueiredo. Ele ressalta que, a princípio, os danos diretos aos artistas são da ordem de “milhares de reais”. “Só para dar dois exemplos de perda total, no estúdio Tamborearte (localizado no bairro Harmonia, em Canoas), os sócios-proprietários, Lucas Kinoshita e Clauber Scholles, perderam absolutamente tudo. Em Porto Alegre, o Focal Audio Works (rua Augusto Severo, 233), do Léo Tarasconi, também foi totalmente destruído. São cenas muito tristes.”

CRISTIANO ALMEIDA/ESPECIAL/JC



Casas noturnas da Cidade Baixa, como o Opinião (ao fundo), foram tomadas pelas inundações; setor cultural e indústria criativa geram mais de 400 mil empregos diretos, segundo coletivo